

## Apresentação

Nos anos 1980, emergia no Brasil vários cursos novos de Pós-Graduação em Antropologia Social e Ciências Sociais assim como em outros países latinoamericanos. O aprendizado do método etnográfico era já consistente, nas disciplinas de metodologia nos cursos de antropologia e ciências sociais. Esta base era uma herança das lições orientadas pela maestria de etnólogos, antropólogos e sociólogos, docentes nos cursos fundados nas Universidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco. Além disso, o corpo docente atuante e crescente recebia uma formação internacional em cursos de doutoramento para uma atuação imediata no contexto brasileiro. As primeiras gerações de antropólogos dedicados ao estudo em contextos urbanos brasileiros apresentavam dissertações e teses inéditas e suas publicações circularam com importante impacto no âmbito universitário.

Os temas diversos partiam dos problemas advindos das migrações do campo para cidade, da formação de uma massa trabalhadora pelo processo da industrialização, de um acelerado crescimento urbano espelhando a complexificação das relações sociais, etc. Políticas de transformação urbana descortinavam paisagens citadinas em ebulição e, nessas, as dimensões de contradições e de problemas sociais. Na pesquisa antropológica brasileira o estranhamento ao familiar e a reflexão sobre a Alteridade próxima, em um viés mais politizado da disciplina, desafiam novas perspectivas conceituais ao método etnográfico. Em especial registravam-se estudos sobre as dinâmicas urbanas e sobre as condições de vida dos habitantes na cidade, onde o próprio antropólogo fazia parte da rede e se manteria epistemologicamente vigilante ao exercício da observação participante e da relativização de suas impressões, como já o haviam ensinado os precursores Bronislaw Malinowski e Marcel Mauss.

Nesse cenário, o ensino do método etnográfico divulgava a chamada “técnica das redes sociais” (*Social network*) para tratar privilegiadamente, a partir de categorias antropológicas analíticas, os processos de mudança e de transformações em sociedades tanto nas ditas tradicionais quanto nas ditas modernas. Estudo da rede de parentesco, de vizinhança, das redes políticas, religiosas, burocráticas, das redes de sociabilidade lúdicas, redes de solidariedade (mutirões) e de economia informal, eram questões investigadas nos estudos antropológicos. A primeira geração de antropólogos que inaugurava o desafio de pesquisar na cidade, com formação no exterior ou no Brasil, ensinavam a técnica das redes sociais no campo de investigação. As obras mais citadas nos programas das disciplinas de método antropológico tanto advinham de campos interdisciplinares quanto de uma antropologia “de souche”. Da Psicologia Social, um livro cedo traduzido, foi de grande repercussão entre os antropólogos que tratavam do tema da família. Trata-se da obra de Elizabeth Bott intitulado “Família e rede social” (1976), no campo da sociologia (além de estudos americanos da Escola de Chicago) o impactante estudo *Networks and Marginality* da antropóloga mexicana Larissa Lomnitz (1974). Das marés da Escola de Chicago, outro estudo recorrentemente citado nas aulas de método antropológico era o de William Foote Whyte publicado em 1943 tendo um artigo traduzido em português na coletânea organizada por Alba Zaluar (atualmente UERJ) intitulada “Desvendando Máscaras Sociais” (1980), e muitas foram as gerações de antropólogos brasileiros formados lendo “Treinando a observação participante”, se familiarizando com a rede da primeira e segunda geração de imigrantes italianos mediada pelo informante principal do pesquisador, *Doc*, e sua turma de rapazes no bairro de Cornerville (Boston).

Mas será maiormente dos ares de Manchester que a antropologia brasileira será envolvida no aprendizado sólido da pertinência dos estudos de redes sociais. A geração de pesquisadores em que se destaca o nome do antropólogo britânico Max Gluckman (anos 40), seguido de Nadel, Mair, Firth e o mais conhecido de todos na antropologia brasileira, Victor Turner, produziram então significativas propostas de análises oriundas de pesquisas de campo desenvolvidas com arrojo na África, na Ásia e também “em casa”, na Europa. Neste continente, “côté français”, a presença ainda de promissores antropólogos urbanos como Colette Pétonnet e Gérard Althabe.

Os artigos traduzidos e divulgados na coletânea acima citada organizada por Alba Zaluar e também a coletânea organizada por Bela Feldman-Bianco (Unicamp) intitulada “Antropologia das sociedades contemporâneas” (1987), eram rapidamente consumidos por alunos ávidos por igualmente ousarem os passos teórico-metodológicos já percorridos pelos estudiosos das mudanças sociais alhures. Em uma brilhante “Introdução” aos artigos de S. F. Nadel, Clyde Mitchell, Adrina Amyer, J. A. Barnes, Jeremy Boissevain, Max Gluckman J. Van Velsen, a antropóloga brasileira Bela Feldman-Bianco remarca que o método é baseado na “teoria da ação”. Outros professores engajados nos projetos de docência e formados no contexto “manchesteriano” desembarcavam no Brasil com novidades de ultramar. As políticas coloniais atingindo seus limites hegemônicos abalavam estruturas governamentais e também as estruturas acadêmico-científicas concebiam doravante rupturas de paradigmas pelo enfoque interpretativo das ações humanas simbólicas que fundamentavam novas metodologias e teorias para o reconhecimento das Alteridades distantes em um mundo que se tornava cada vez mais próximo pelo fenômeno da globalização. Em todas as grandes escolas antropológicas do mundo emergia uma antropologia crítica e política. Uma nova era de análises dos processos coloniais repercutiria em uma nova antropologia e novos estilos etnográficos, ou como diria Mariza Peirano, tempos de uma “teoria vivida”.

Ao Brasil retornavam, entre outros, antropólogos como Alba Zaluar e Peter Fry. Formados na “Escola de Manchester” traziam em suas bagagens novos desafios epistemológicos, e cedo também seus orientandos partilhavam de novas questões a partir de novos desafios metodológicos para tratarem das sociedades complexas, agora no Brasil.

Pois tivemos o privilégio de receber um relato testemunhal de Peter Fry, na edição desta revista dedicada ao tema das redes sociais. Peter Fry, em seu artigo intitulado “Nas redes antropológicas da Escola de Manchester: reminiscências de um trajeto intelectual”, narra como “caiu nessa rede”, compartilhando conosco sua trajetória de formação nos cultivando nessa aula magna e nos afetando, com suas reminiscências, com suas experiências de aprendizado e desventuras antropológicas.

Em continuidade, esta revista traz estudos etnográficos de antropólogos que dimensionam as experiências de campo. Consistem em estudos recentes que configuram a riqueza de uma antropologia atualizada. Os temas e os universos observados são os que agitam os novos tempos contemporâneos: de políticas afirmativas, desvelam imagens de reconhecimento de comunidades étnicas, de promoção das responsabilidades sociais, de democratização de políticas públicas, de novas formas de interações sociais em especial nas novas tecnologias, agência de novos atores sociais, sem perder a inteligibilidade reflexiva e a postura vigilante do trajeto da disciplina que consolida métodos e conceitos com potencial crítico e transformador.

A construção de redes sociais a partir destes estudos etnográficos desvenda todo potencial interpretativo e analítico da dinâmica relacional, construída a partir de eventos

vivididos em campo, descrevem situações densas que falam de experiências concretas do viver contemporâneo.

Abrimos a revista com o estudo etnográfico da autora Juliana Cavilha sobre os lugares, os fluxos e os itinerários de atores sociais que atuam na rua, no comércio sexual, no cenário de Florianópolis. Uma rede construída com preocupação ética de trilhar percursos e trajetórias de vida que amalgamam memórias coletivas. Partilhando desta sensibilidade, também Porto Alegre é contexto de estudo etnográfico que desvenda a trama de redes, de relações, de interações, de conflitos e formas de organização de classe na luta por liberdade de ser e agir social e culturalmente. Trata-se do artigo de José Miguel Nieto Olivar e das co-autoras da trama: Nilce, a prostituta, e Isabel, a Princesa.

Aliás, também é de tramas das redes que a autora Monica S. Siqueira trata enfocando a vida cotidiana de travestis na cidade do Rio de Janeiro. Em uma etnografia densa, as imagens narradas entrelaçam suas vidas ao cenário urbano, onde moram, vivem, lutam, trabalham e, sobretudo, tecem redes.

Lembrando de perto as preocupações da linhagem de antropólogos preocupados com as transformações nas diversas vocações profissionais na África que aceleradamente se urbanizava (ou melhor, se destribalizava) tanto quanto aporta os prestigiosos estudos sobre mudanças no seio campesino no Chile, na Argentina e no México de Larissa Lomnitz, o artigo das autoras Mariela Blanco y Dora Jiménez intitulado “Y, si piden por la radio es porque algún defecto tienen. El valor de las redes en el mundo laboral de los trabajadores rurales temporarios” nos instiga com um estudo sobre o papel das redes sociais no mercado de trabalho em um contexto rural no Valle de Uco na província de “Mendoza de la Argentina”.

Um mundo pleno de redes é eminente no campo das práticas dos esportes, sobretudo os de preferência nacional e forte estrutura econômica. Tratar do mundo do futebol é desvendar redes de relações. O artigo de Enrico Spaggiari, intitulado “Os universos do futebol: uma etnografia das redes futebolísticas em São Paulo” desvela essas redes agenciadas a partir de relações e negociações em torno da prática, do consumo, da paixão pelo futebol, tendo por arena, a cidade de São Paulo.

Em seguida o artigo de Rojane Brum Nunes nos aproxima de redes de guardiões da memória, um grupo de homens idosos trabalhadores aposentados. No artigo intitulado “Territórios urbanos, redes sociais e memória coletiva: a cidade narrada e (re)inventada sob uma perspectiva geracional”, a cidade de Santa Maria, ou melhor a praça central, é palco de ações narrativas onde personagens citadinos ordenam formas de sociabilidade que ritmam as diversas camadas de tempo vividas em suas trajetórias sociais.

Certamente não há lugar de maior debate contemporâneo sobre o conceito de redes que no mundo virtual, determinado pelo sistema *web*. A rede de comunicação do *Facebook* é aqui o universo de pesquisa sobre navegadores da internet. O artigo “Tan lejos, tan cerca. Apuntes para pensar un duelo colectivo en Facebook” de Agustina Triquell, interroga sobre este lugar de confissões, de comunicações, de intercâmbio.

Carla Barros, também aborda em seu artigo as redes sociais no ciberespaço em que a interface de redes virtuais é acessada por grupos populares em uma *Lan House* onde a motivação são os jogos *multiplayers on line* como o define o título: “Interações e alteridade nas apropriações de redes sociais e games: um estudo em Lan House popular”.

Do virtual retomemos ao local, no artigo de Laura Belén Navallo. Em uma pesquisa desenvolvida em Salta, na Argentina, a autora dimensiona um movimento

cultural e as dinâmicas das redes em tensão entre a institucionalização e a sociabilização, no artigo intitulado “De charlas de café a una política cultural”.

Outro estudo de caso, agora trata das redes de solidariedade e, não por isso menos conflituosas, que são tecidas em uma situação crítica de proporções catastróficas. Trata-se de uma pesquisa desenvolvida na cidade de Itajaí (SC) em que a autora Débora Buenos Gomes, desenvolve uma etnografia construindo personagens em suas imagens e narrativas sobre a experiência de vivenciar situações de rupturas e descontinuidades de rotinas e previsibilidades na vida cotidiana. Daí o título do artigo “No tempo da enchente de 2008: redes de emergência e de solidariedade em face da catástrofe em Itajaí, SC”.

Para finalizar um artigo que opera com redes que projetam um futuro próximo em face de um presente pleno de contradições, constrangimentos, tanto quanto de formas de conquistas políticas e consolidação de territórios habitacionais que dão regularidade aos ritmos de vidas cotidianas. A autora Anelise Gutterres traz a polêmica realidade das transformações urbanas na cidade de Porto Alegre impulsionadas pelas “obras da copa”. Trata-se de reformas urbanas que projetam a realização da Copa 2014 em que é previsto o maior fluxo de visitantes (turistas) já registrados na história da cidade. A autora analisa as redes sociais que se sobrepõem, cruzam e se conflituam nas diferentes esferas de atores sociais que participam desse processo. Os moradores de vilas periféricas que de esquecidas conhecem agora a intervenção radical são enovelados nessas redes políticas de estranhos discursos e falsas promessas.

Boa leitura todos!

Cornelia Eckert  
Ana Luiza Carvalho da Rocha